



ARTIGO

**Imaginários urbanos e grupos transgêneros e homossexuais:****As representações sobre o bairro Cidade Baixa (Porto Alegre/RS/Brasil)**

Valdir José Morigi, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil*

Ana Maria Giovanoni Fornos, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil*

Luis Fernando Massoni, *Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil*

Resumo. Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa “Porto Alegre Imaginada Digital”, que compõe um estudo internacional sobre imaginários urbanos. O objetivo do texto é analisar os componentes simbólicos a partir das representações dos cidadãos sobre o bairro Cidade Baixa, de Porto Alegre, associado à presença de grupos transgêneros e homossexuais. Utiliza como base o referencial teórico-metodológico dos imaginários urbanos, proposto por Armando Silva. É uma pesquisa quali-quantitativa e descritiva que apresenta as informações oficiais sobre o bairro e compara com os resultados alcançados por meio de um questionário aplicado a 160 porto-alegrenses entre abril e maio de 2022. Verifica-se que o lugar é identificado a partir da ocupação de grupos transgêneros e homossexuais, tornando-se um emblema do bairro. Esta representação é contemporânea, mas está calcada na história do bairro, que foi reduto da “Baixa Cidade”, frequentada por grupos sociais minoritários. Conclui que o bairro Cidade Baixa é representado como território de homossexuais e transgêneros, representativo das práticas sociais desses grupos que se manifestam pela alegria e boemia do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginários Urbanos e Gênero; Homossexuais e Transgêneros; Cidade Baixa; Território.

1 Introdução

O projeto de pesquisa “Porto Alegre Imaginada Digital” faz parte de uma nova fase do Projeto internacional “Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo” – CYCLI, coordenado pelo professor colombiano Armando Silva. Esta nova fase, realizada 15 anos após a primeira, em 2008, inclui as plataformas digitais e é intitulada “Cidades e comunidades latinas imaginadas na era digital”, abrangendo o período entre 2020 e 2023, com a participação de aproximadamente 35 cidades, envolvendo diversos países latino-americanos. Assim, a pesquisa tem por objetivo entender como os cidadãos, a partir das suas representações, constroem os imaginários sobre a cidade.

Armando Silva (2004) desenvolve um caminho metodológico para interpretar os imaginários urbanos que se relacionam com a utilização e a interiorização dos espaços e respectivas vivências, por parte de alguns cidadãos na sua intercomunicação social, propondo estudar a cidade como lugar de manifestação cultural e como cenário de um efeito imaginário. Segundo o autor, as representações que se busca em um estudo dessa natureza são coletivas, pois se um sentimento é expresso por um número suficiente de cidadãos, estamos diante de um imaginário social. Esse “número significativo” é definido de acordo com certas médias em pesquisas de percepção qualitativa. No caso do referido projeto de pesquisa, foi acordado um limite que supera 10% das respostas de qualquer ponto de vista, percebido dessa forma para que seja uma realidade social, de um grupo segundo um ponto de vista ou da comunidade em geral. Segundo a proposta metodológica, entre 30% e 50% das respostas expressam dados muito significativos para identificar emblemas da cidade, sendo que os dados com mais de 50% das respostas são considerados emblemas, ou seja, uma representação social de significativa concentração simbólica.

O questionário da pesquisa “Porto Alegre Imaginada Digital” foi aplicado simultaneamente nos meses de abril e maio de 2022 ao conjunto de cidades que participam do estudo. O instrumento, composto de 92 questões de natureza subjetiva, acessível por meio de um endereço eletrônico, remetia as respostas dos cidadãos para uma plataforma *online* criada pela coordenação geral do projeto. A estratégia para se chegar às pessoas foi compartilhar o questionário com moradores da cidade maiores de 18 anos, por meio de adesão voluntária, a partir da rede de conhecidos da equipe executora. As pessoas poderiam residir em quaisquer regiões da cidade.

Em Porto Alegre, o questionário foi enviado para 160 moradores da cidade, considerando gênero, faixa etária e nível socioeconômico¹. A cidade de Porto Alegre, com estimativa da população em 2021, segundo o IBGE, de 1.409.351 habitantes, é atualmente composta de 94 bairros oficiais (OBSERVATÓRIO DA CIDADE..., 2022), sendo que os 160 participantes da pesquisa estão distribuídos em 55 bairros. O quadro 1 apresenta o perfil demográfico dos respondentes.

Quadro 1 – Perfil demográfico dos respondentes

Gênero			
Feminino	Masculino	Outro	
61,25%	38,12%	0,62%	
Nível Socioeconômico			
Alto	Médio	Baixo	
26%	52%	22%	
Faixa Etária			
18-24 anos	25-45 anos	45-65 anos	Mais de 65 anos
28%	44%	25%	- de 1%

Fonte: dados da pesquisa

Para este estudo, centramos nosso olhar nas representações dos cidadãos sobre os lugares de Porto Alegre associado à presença de grupos transgêneros e homossexuais, que são duas possibilidades de construção que rompem com a hegemonia heteronormativa: a primeira pela identidade de gênero e a segunda pela orientação sexual. Conforme os dados da pesquisa, foram identificadas três áreas mais citadas como lugar da cidade mais transitado por homossexuais e transgêneros: bairro Cidade Baixa (homossexuais, 37%; transgêneros, 30%), avenida Farrapos (homossexuais, 4%; transgêneros, 8%) e bairro Bom Fim (homossexuais, 11%, transgênero, 4%). Assim, destaca-se o bairro Cidade Baixa com dados muito significativos.

¹ No contexto local, foi utilizado o Critério Brasil de classificação sócio-econômica. Para mais informações, ver em <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 10 set. 2022.

Desse modo, levantamos as seguintes questões: a) como é representada a Cidade Baixa no imaginário dos porto-alegrenses? b) quais as representações sobre os lugares onde circulam os grupos transgêneros e homossexuais em Porto Alegre?

O presente artigo tem como objetivo analisar os componentes simbólicos a partir das representações dos cidadãos sobre o bairro Cidade Baixa, associado à presença de grupos transgêneros e homossexuais. Interessa-nos identificar as representações construídas no território de sujeitos colocados socio-historicamente à margem por sua identidade sexual e de gênero, entendendo como as regulações e discriminações contra LGBTQIA+² são produzidas, incluindo homossexuais e transgêneros.

Utilizamos a teoria sobre imaginários urbanos e o método utilizado por Silva (2001) para realizamos a análise do material coletado. A metodologia criada por Silva é chamada de lógica “tríplice”: “cidade vista” (centrada no espaço “real” da cidade), “marcada” (centrada no cidadão que usa a cidade) e “outridades” (centrada na percepção da cidade a partir da visão do outro e em comparação com outras cidades) para enfim desvendarmos a “cidade imaginada”, centrada na coleta das percepções simbólicas sobre a cidade e que acabam afetando nossos modos de ser cidadão na cidade real (SILVA, 2006). É uma análise descritiva dos dados encontrados, com abordagem quali-quantitativa, a partir da qual é possível verificar como se configura a Cidade Baixa imaginada pelos porto-alegrenses, um lugar da cidade fortemente relacionado à presença de grupos transgêneros e homossexuais.

2 Cidade, Imaginários Urbanos, Representações, Orientação Sexual e Identidade de Gênero

Na contemporaneidade, a vida na cidade está ligada com o urbano, isto é, um ambiente conformado pela tecnologia e pela técnica. A cidade é o lugar das relações entre grupos manifestadas pelos processos comunicacionais. Observamos que, para além da aparência física, o endereço e a localização históricos de ruas e prédios, o local se insere em uma nova totalidade que engendra um lugar, afirmando cada vez mais o caráter “translocal” das cidades, sendo uma intersecção de diferentes

² A sigla refere-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais/Agêneros e “+” (todas as outras construções que escapam ao modelo heteronormativo, entendidos como não normativos, normatizados, minorias sexuais e, em alguns momentos, tomados como sinônimos de homossexualidades, no plural).

redes e ganhando o espaço urbano uma nova dimensão e significado (LIMONAD; RANDOLPH, 2001). Na concepção de Lefebvre (2013), o espaço carrega complexas categorias, podendo ser interpretado como uma produção social, sendo que seu conceito

[...] reúne o mental e o cultural, o social e o histórico. Reconstituindo um processo complexo: descoberta (de espaços novos, desconhecidos, continentes ou o cosmos) - produção (da organização espacial própria a cada sociedade) - criação (de obras: a paisagem, a cidade como a monumentalidade e a decoração). Isso evolutivamente, geneticamente (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da simultaneidade; pois todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição na inteligência e na junção material de elementos dos quais se produz a simultaneidade. (LEFEBVRE, 2013, p. 57, tradução nossa).³

Sendo uma produção social, o espaço é social, pois “[...] ‘incorpora’ atos sociais, as ações de sujeitos tanto coletivos quanto individuais [...]”. Desde a perspectiva do conhecimento, o espaço social funciona - junto com seu conceito - como instrumento de análise da sociedade. No prólogo do livro “La producción del espacio”, de Henri Lefebvre (2013), Ion Martínez Lorea observa que no “El derecho a la ciudad”, Lefebvre enfoca que o espaço urbano presume simultaneidade, encontros, convergência de comunicações e informações, conhecimento e reconhecimento, bem como confrontação de distinções. “É lugar de desejo, de desequilíbrio permanente, momento do lúdico e do imprevisível”⁴ (LOREA, 2013, p. 21). Para Tuan (1983, p. 3, 6-7),

‘Espaço’ e ‘Lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns. [...] Na experiência, o significado de espaço se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato que lugar, o que começa como espaço diferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e dotamos de valor. [...] As ideias de ‘Espaço’ e ‘Lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. [...] Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar

³ [...] liga lo mental y lo cultural, lo social y lo histórico. Reconstruye un proceso complejo: descubrimiento (de nuevos espacios, desconocidos, de continentes, del cosmos) — producción (de la organización espacial propia de cada sociedad) — creación (de obras: el paisaje, la ciudad con su monumentalidad y decorado). Se trata de una reconstrucción evolutiva, genética (con una génesis) pero de acuerdo a una lógica: la forma general de la simultaneidad. Y esto porque todo dispositivo espacial reposa sobre la yuxtaposición en la inteligencia y sobre el montaje material de elementos a partir de los cuales se produce la simultaneidad...

⁴ Es lugar de deseo, de desequilibrio permanente, momento de lo lúdico y de lo imprevisible.

é pausa, cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. [...] A experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos.

Assim, os espaços vão sendo transformados em lugares à medida de sua ocupação, apropriação ou de seu significado social, ou seja, de acordo com os significados culturais, fazendo com que cada cidade possua lugares que a caracterizam.

Referenciando-se em Milton Santos (2002), Limonad e Randolph (2001) afirmam que os seres humanos, ao se relacionarem entre si e com a natureza por meio da mediação do desenvolvimento da técnica, da ciência e das tecnologias de informação e comunicação, constroem os lugares. Através das interações sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas que se desenvolvem nestes locais, fazem surgir pontos de concentração e encontro de condições gerais e particulares que indicam e constituem esses locais particulares em lugares.

Assim, os lugares não são localidades, nem pontos, sítios ou locais, pois seu caráter é, sobretudo, simbólico, construído através de representações: “O lugar - e suas representações são inseparáveis, na medida em que o lugar/a cidade é tanto o objeto como o produto de práticas significativas, discursos e imagens que lhe conferem legibilidade” (LIMONAD; RANDOLPH, 2001, p. 14-15). Diante do apresentado, percebemos que o lugar está ligado à cotidianidade e aos processos interativos entre atores sociais que transitam pelo espaço urbano, ou seja, a formação de um lugar está diretamente ligada à ação das pessoas e tem seus significados e usos alterados de acordo com a apropriação feita pela sociedade.

Assim, as imagens da cidade são frutos da interação e da comunicação dos seus habitantes com os espaços, surgindo daí o “ponto de vista cidadão”, que Silva (2001, p. 9) define como “[...] uma série de estratégias discursivas por meio das quais os cidadãos narram as histórias de sua cidade, mesmo quando tais relatos possam, igualmente, ser representados em imagens visuais”. A soma de muitos pontos de vistas inclui a leitura simbólica que se faz da cidade; e observamos formas dominantes de percepção cidadã quando podem ser projetados por grupos sociais ou marcadores sociais da diferença, como gênero, idade, classe social etc.

Assim, as representações de uma cidade construídas por seus habitantes cumprem duas funções: “a cidade é vista por seus cidadãos [...], mas estes também são recebidos e inscritos na própria cidade” (SILVA, 2001, p. 13). A cidade é delimitada a partir de seus territórios. Para introduzir a análise da apropriação do território por seus habitantes, Silva (2001, p. 20 e 22) afirma que:

O território, como marca de habitação de uma pessoa ou grupo, que pode ser nomeado e percorrido física ou mentalmente, necessita, portanto, de operações linguísticas e visuais, entre seus principais suportes. O território é nomeado, mostrado ou materializado numa imagem, num conjunto de operações simbólicas em que, pela sua própria natureza, situa os seus conteúdos e marca os seus limites. [...]. O território na sua manifestação diferencial é um espaço vivido, marcado e assim reconhecido na sua variada e rica simbologia.

O território, como aqui concebido, é a expressão das múltiplas narrativas, de diferentes comportamentos e de formas de reunião onde agrupamentos de homens e de mulheres têm a possibilidade de se evadir ou não dos enquadramentos sociais. Entretanto, aqueles sujeitos que realizam a transgressão dos enquadramentos impostos pelas normas sociais podem abrir fissuras na ordem social e no espaço público: território onde são demarcados por expressões de gênero e sexualidades podem romper com as perspectivas heteronormativas e normalizadoras de perceber o espaço urbano.

A cidade imaginada é aquela construída a partir das representações evocadas da cidade, os imaginários urbanos. Segundo Silva (2001, p. 47, grifo do autor), na percepção da cidade há um processo seletivo e de reconhecimento que constrói o “objeto simbólico” chamado cidade e “[...] em todo o símbolo ou simbolismo subsiste um componente imaginário” e o autor sustenta que a “[...] percepção imaginária corresponde a um nível superior de percepção”.

Nesta perspectiva, a cidade imaginada é construída a partir do espaço imaginado e existe uma distinção entre a cidade e o urbano. Enquanto a cidade reporta a couraça física, no urbano são colocadas “as mentalidades cidadãs”, as formas como a cidade é usada e vivida. A cidade não é somente um ambiente com determinado ordenamento físico, é o registro de pessoas onde se constroem as identidades e as representações sobre os seus lugares. A cidade nunca está construída, ao

contrário, é um ambiente sociocultural em processo contínuo de construção e reconstrução por meio das ações e dos gestos cotidianos de seus cidadãos.

Desse modo, os lugares não são localidades, nem pontos, sítios ou locais, pois seu caráter é, sobretudo, simbólico, construído através de representações. Ao não perdermos de vista essa concepção de lugar como intersecção de um conjunto diversificado de interações e representações que operam numa gama de ancoragens espaciais, compreenderemos que as diversas formas de representar o lugar e o gênero se relacionam entre si e geram umas às outras. Ou seja, “todos atuamos como sugerem nossas ideias, que sempre respondem a uma criação cultural e estão histórica e espacialmente situadas” (McDOWELL, 1999, p. 20, tradução nossa)⁵.

A mesma autora atenta que, para os homens ou mulheres, para os homossexuais ou heterossexuais, os diferentes espaços têm distintos significados e representam diferentes relações de poder que variam com o tempo. Por exemplo, as ruas e os parques da cidade, que para alguns são expressão de liberdade, para outros são inacessíveis ou perigosos. Tais divisões, especialmente aquelas que separam o público do privado, sempre têm estado associadas às divisões de gênero (McDOWELL, 1999, p. 55-56).

Guerra (2014) afirma que, em sua função de ator social, o sujeito que habita a cidade cria fraturas e remodelações do espaço urbano, “[...] dando passo à imaginação, a outros signos, imagens e narrativas que configuram outra topologia simbólica, alheia aos nítidos traços de cartografias e imaginários hegemônicos”⁶ (GUERRA, 2014, p. 12-13, tradução nossa). E continua:

Por trás do desenho geométrico que funciona a nível físico e visual como metáfora da ordem, entre os seus espaços palimpsésticos e nos seus cantos e interstícios, as próprias entranhas do projeto urbano patriarcal são minadas pelo trânsito legítimo, ocasional ou clandestino de minorias de gênero na cidade, criada desde o início

⁵ Todos actuamos como nos dictan nuestras ideas, que siempre responden a una creación cultural y están histórica y espacialmente situadas.

⁶ “[...] dando paso a la imaginación, a otros signos, imágenes y narrativas que configuran otra topología simbólica ajena a los nítidos trazos de cartografias e imaginarios hegemónicos.”

por uma vontade androcêntrica⁷ (GUERRA, 2014, p. 15, tradução nossa).

Ao longo do tempo, em um espaço dividido entre “o masculino” e “o feminino”, as afetividades e expressões de gênero que se afastavam da heterossexualidade somente podiam se realizar nos lugares estabelecidos por “cartografias secretas”. Nesse contexto, o homossexual valeu-se de lugares clandestinos para suas expressões de afeto, construindo em relação a ele mesmo um rótulo indigno em contraposição às construções culturais atribuídas ao homem e à mulher. Guerra (2014, p. 18, tradução nossa) enfatiza que conhecemos pouco sobre as relações lésbicas, possivelmente porque estas ocorriam no espaço da casa e dos conventos, mas no caso dos homossexuais, por sua suposta condição de homens, “[...] foi dada maior visibilidade na esfera pública e seu trânsito pela cidade teve uma geografia secreta com sua rede particular de informações e seus próprios códigos⁸”.

Esta presença “marginal” e “disfarçada” subsiste até hoje, porém a práxis política assumida pelos movimentos de liberação sexual intensificou o trânsito e a visibilidade na cidade das minorias de gênero⁹. A referida autora alerta que devemos pensar que estas relações se tornam mais complexas quando se considera que a cidade também produz relações de classe, de raça/etnia, de geração etc., que se inter-relacionam com as questões de gênero e sexualidade.

Lopes Louro (2004) chama a atenção para o surgimento de um contexto favorável ao de um movimento Queer, o que sustenta a aplicação da Teoria Queer no cenário nacional e, entre os elementos constituintes desse contexto, destaca: “com uma mídia que vem se desenvolvendo articulada a esse processo e também com o surgimento de espaços e produtos culturais voltados para o público gay” (LOPES LOURO, 2004, p. 62). O Queer se explicita na assertiva de Lopes Louro (2004, p. 38-39): “queer representa claramente a diferença que não quer

⁷ Tras el diseño geométrico que funciona a nivel físico y visual como una metáfora del orden, entre sus espacios palimpsésticos y en sus rincones e intersticios, las entrañas misma del proyecto urbano patriarcal se socavan por el tránsito legítimo, ocasional o clandestino de las minorías genéricas en la ciudad, creada desde el principio por una voluntad androcéntrica.

⁸ “[...] se daba mayor visibilidad en el ámbito público y su tránsito por la ciudad poseía una geografía secreta con su red particular de información y sus códigos propios.”

⁹ Ao se falar de minoria utiliza-se a conceituação apresentada por Guacira Lopes Louro na perspectiva da Teoria Queer. “Dentro dessa lógica, os sujeitos que, por qualquer razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência serão tomados como ‘minorias’ e serão colocados à margem das preocupações [...]” (LOPES LOURO, 2004, p. 66).

ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é mais transgressiva e perturbadora”. Portanto, a presença de sujeitos que escapam à norma ocupa espaços urbanos com maior frequência a partir dos movimentos liberais da década de 1960.

Esse contexto nos faz refletir sobre como o corpo e a sua qualidade de gênero estabelecem uma relação dialógica com o urbano, onde os sentidos que a cidade revela são recebidos e interpretados de maneiras diferentes sob a condição de gênero. A partir desses referenciais e tendo em conta que o bairro Cidade Baixa foi majoritariamente citado na pesquisa como o mais transitado por homossexuais e transgêneros, analisamos as representações sobre tal território, a partir dos dados extraídos do estudo.

3 As Representações dos Porto-Alegrenses sobre o Bairro Cidade Baixa

A Cidade Baixa, conhecida como CB, um dos bairros de Porto Alegre situado próximo ao Centro Histórico da cidade capital do Rio Grande do Sul (RS), possui 18.450 habitantes, representando 1,31% da população do município. Com área de 0,93 km², representa 0,20% da área da cidade, sendo sua densidade demográfica de 19.838,71 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 0,36% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 5,92 salários mínimos, segundo fonte da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e do IBGE- Censo 2010 (OBSERVATÓRIO DA CIDADE..., 2022).

No século XIX, “Cidade Baixa” foi a designação dada a toda a região situada ao sul da colina da rua Duque de Caxias (onde a alta sociedade se instalara). Assim, “Cidade Baixa” era a “área pouco nobre, tinha população mais simples e menos abastada, [...] era lugar de excluídos sociais e, também, depósito de lixo do Centro Urbano” (REIS, 2018). O território que hoje é conhecido como Cidade Baixa já possuiu vários nomes: Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota. Essas áreas fazem parte da história de Porto Alegre enquanto espaços associados à cultura popular expressa por meio dos batuques, danças, ritmos e festas organizadas pelos segmentos negros da população (OBSERVATÓRIO DA CIDADE..., 2022). A partir da metade do século XX, em função do desaparecimento das últimas chácaras, a população da região aumenta significativamente. O bairro passou por inúmeras intervenções de cunho urbanístico e tornou-se uma via de trânsito para inúmeros outros espaços da cidade.

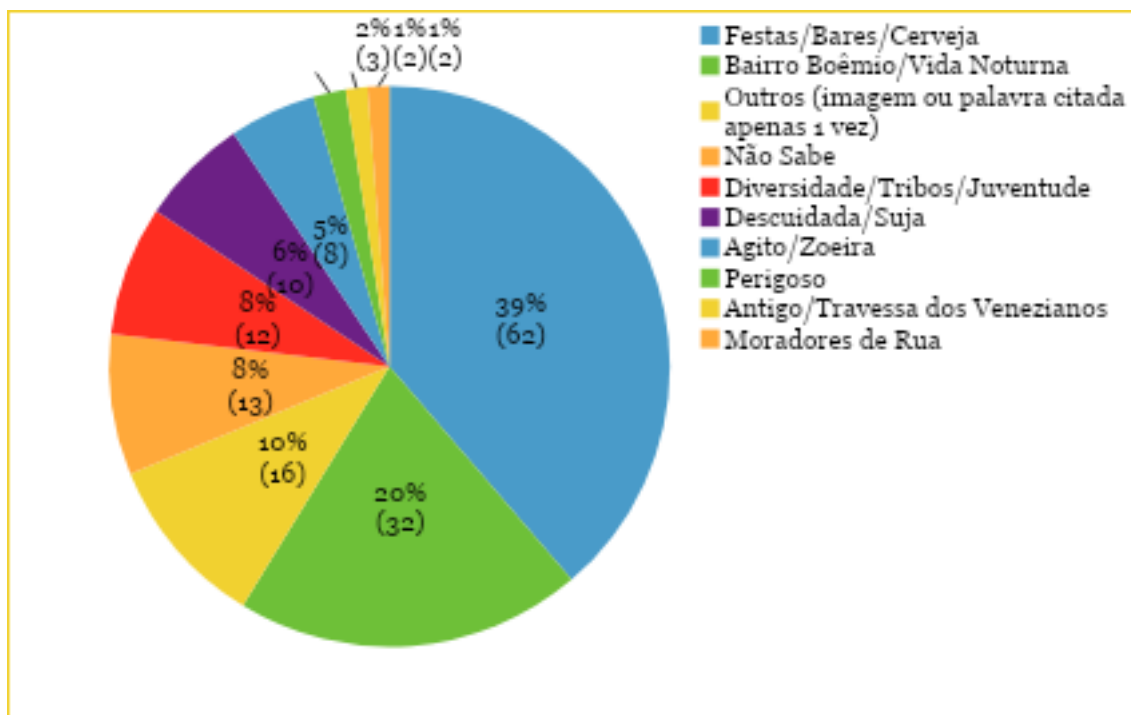
Atualmente, a Cidade Baixa, criada oficialmente em 1959, é habitada por uma população heterogênea. Como pontos que referendam seu passado, estão o complexo habitacional “Lupicínio Rodrigues”, o Solar Lopo Gonçalves (sede do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo), a Fundação Pão dos Pobres, o Largo Zumbi dos Palmares, a Ponte de Pedra, a Travessa dos Venezianos e inúmeros estabelecimentos de entretenimento, principalmente noturnos, que lembram os tempos boêmios do Areal e da Ilhota (OBSERVATÓRIO DA CIDADE..., 2022).

O bairro Cidade Baixa carrega consigo ainda hoje a carga simbólica imagética e de valoração das memórias da antiga Baixa Cidade, que abrangia o seu território e bairros adjacentes. Conforme Reis (2018), a prática da boemia noturna na região não é algo recente, estando presente na história da cidade e caracterizando pejorativamente o local como “baixa”. Para Silva (2014), a CB reúne características simultâneas dentro de seu espaço: área destinada ao lazer noturno; região antiga e de relevância histórica; lugar de coexistências de diversos usos e usuários; apresenta cíclicos processos de tensão entre moradores e usuários; e faz parte da região central da cidade.

3.1 Cidade Baixa imaginada: o bairro representado por meio dos seus processos simbólicos

Buscamos aqui analisar as construções imaginárias que transcendem as informações oficiais e históricas sobre a CB e sobre a representação tradicional do bairro “fisicamente construído”. Procuramos dados que revelam as representações coletivas e que expressam os sistemas de identificação social do bairro. Primeiramente, trazemos à luz os dados referentes às qualidades urbanas da cidade, especificamente referentes à CB. Assim, temos os resultados apresentados a seguir. Ao serem perguntados com que imagem ou palavra identificariam o bairro Cidade Baixa, foram identificados os resultados expostos no gráfico 1.

Gráfico 1 – Identificação da Cidade Baixa por uma imagem ou palavra



Fonte: dados da pesquisa

Segundo Sevaio (2022, p. 106), “no passado e no presente, a Cidade Baixa tem sido um bairro em festa, onde as ruas são dotadas de significados políticos, servindo como suporte para práticas que acionam noções de pertencimento”. Conforme a autora:

[...] o bairro passou por uma série de reformas urbanas que culminaram na desarticulação de grande parte dos territórios negros que nele existiam, assim também afetando a vida boêmia. [...] no entanto, a boemia voltou a se articular no bairro, ganhando outras características e dimensões (SEVAIO, 2022, p. 106).

As afirmações da autora se confirmam nos resultados da pesquisa, pois o bairro é fortemente lembrado como “boêmio”: para 39% dos pesquisados, a imagem/palavra que mais identifica a Cidade Baixa são as “festas/bares/cerveja” e, para 20%, o bairro é identificado como “boêmio/vida noturna”. Estas duas imagens representam 59% das respostas, compondo um emblema do lugar.

Ao pedir que os participantes respondessem em que medida gostam do Bairro, numa escala de valores onde 1 (um) é “nada” e 5 (cinco) é “muito”, obtivemos os resultados da tabela 1.

Tabela 1 – Em que medida os pesquisados gostam da Cidade Baixa

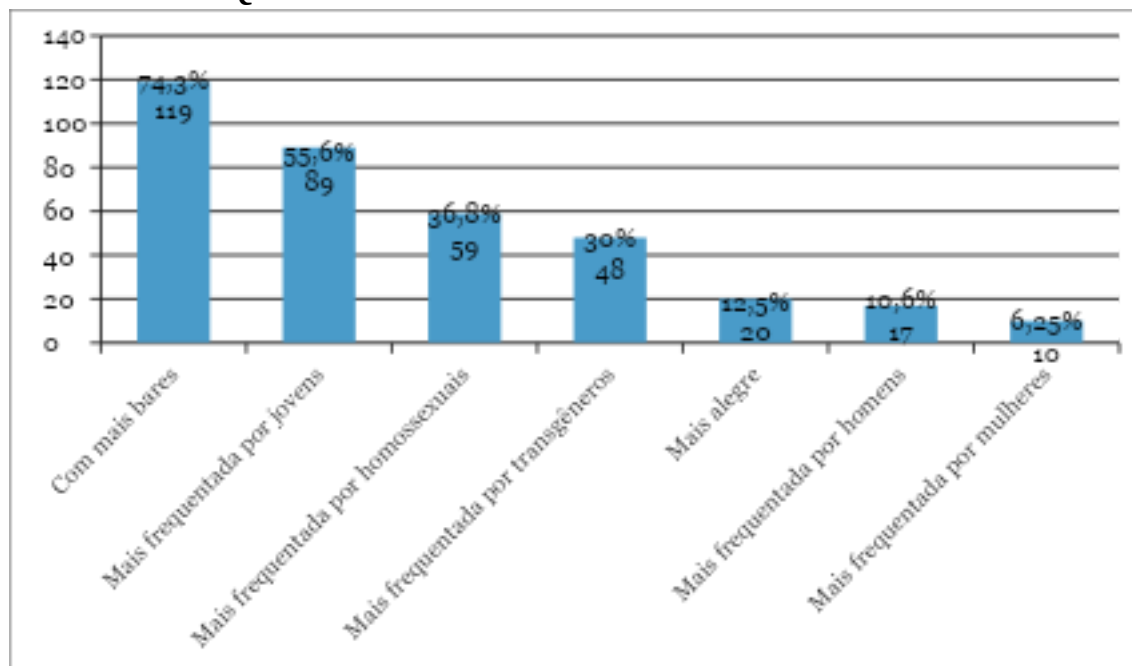
Medida em que gosta da Cidade Baixa*	Respostas	Percentual
Escala 5	39	24%
Escala 4	41	26%
Escala 3	35	22%
Escala 2	22	14%
Escala 1	15	9%
Não responderam	8	5%
Total	160	100%

Fonte: dados da pesquisa
*escala 1 = nada / 5 = muito

Observamos que 72% das respostas se concentram nas escalas 3, 4 e 5, tornando possível inferir que o Bairro é bastante apreciado pelos pesquisados.

A seguir, buscamos os dados referentes às qualidades urbanas de Porto Alegre, onde foi solicitado aos participantes da pesquisa que mencionassem uma rua ou local que considerassem ser mais perigoso, com melhor cheiro, com cheiro mais desagradável, com mais movimento, com mais bares, mais lugares com acesso à internet pública, mais frequentada por mulheres, mais frequentada por homens, mais frequentada por jovens, mais frequentada por idosos, mais transitada por transgênero, mais transitada por homossexuais, mais triste, mais alegre, local com a maior venda de rua (comércio), a rua mais limpa e a rua mais suja. Destas perguntas, a Cidade Baixa como um todo ou ruas pertencentes ao bairro foram citadas mais significativamente nos seguintes itens, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Qualidades urbanas da Cidade Baixa



Fonte: dados da pesquisa

Podemos observar que o bairro e suas ruas não são citados nos aspectos negativos, como sujeira, mau cheiro, periculosidade etc. Por outro lado, o bairro é muito citado quando perguntado sobre o local com mais bares, o que corrobora com a imagem na qual o bairro é mais identificado com “**festas/bares/cerveja**”, conforme apontado anteriormente. Além disso, o bairro é identificado como mais frequentado por jovens, homossexuais e transgêneros. Quanto ao local mais alegre, a pesquisa aponta a Orla do Guaíba, com 22 respostas, mas vemos que é muito próximo das respostas alcançadas pela Cidade Baixa (20).

Ainda analisando os dados referentes a outras questões, observamos que, para a pergunta “mencione três lugares que você acha que identificam sua cidade”, nove participantes responderam o bairro Cidade Baixa como um todo, não tendo nenhuma resposta com algum lugar específico do bairro. A Travessa Venezianos foi citada duas vezes para a pergunta “cite três prédios representativos da arquitetura de sua cidade” e uma vez para “cite três prédios representativos da paisagem natural da sua cidade”. Embora o bairro seja considerado um patrimônio cultural e casas populares construídas no início do século 20 localizadas

na Travessa Venezianos sejam tombadas pelo município de Porto Alegre, este local foi pouco citado.

Podemos inferir que bares, juventude, boêmia, festas e alegria expressam as representações sobre o Bairro. Apesar disso, apenas 3,8% dos participantes se referem à Cidade Baixa quando é solicitado que indiquem seis lugares de diversão na cidade. Entretanto, não foram mencionados os conflitos gerados entre os moradores e os frequentadores do Bairro, principalmente pela ocupação do espaço público noturno. Não é possível apontar, a partir dos dados, o motivo dessa ausência, mas uma possibilidade é a de que os respondentes não sejam frequentadores assíduos, desconhecendo detalhes do cotidiano do bairro e referindo-se a ele com base no senso comum.

O habitante do território o vivencia e esta experiência o conduz a múltiplas representações. Assim, o território “[...] é um espaço *vivido, marcado e reconhecido* em sua variada e numerosa simbologia” (SILVA, 2001, p. 26, grifo do autor). O território é um espaço (ainda que imaginário) onde convivemos com os nossos, onde as lembranças do passado e a evocações do futuro nos permite nomeá-lo com certos limites geográficos e simbólicos. É assim que “[...] uma nova noção de território pode ser mantida se o entendermos como um terreno afetivo a partir do qual vejo o mundo como suporte imaginário” (SILVA, 2001, p. 26). Assim, o território da CB é lembrado como espaço de sociabilidade noturna, alegria e boemia, sendo fortemente frequentado por jovens, homossexuais e transgêneros.

Observamos que a CB tem uma representação social significativa para o conjunto de cidadãos que moram na cidade de Porto Alegre, não só para seus moradores. Ou seja, a Cidade Baixa é marcada pelos cidadãos como um bairro boêmio, pela concentração de bares, pelas festas e diversão.

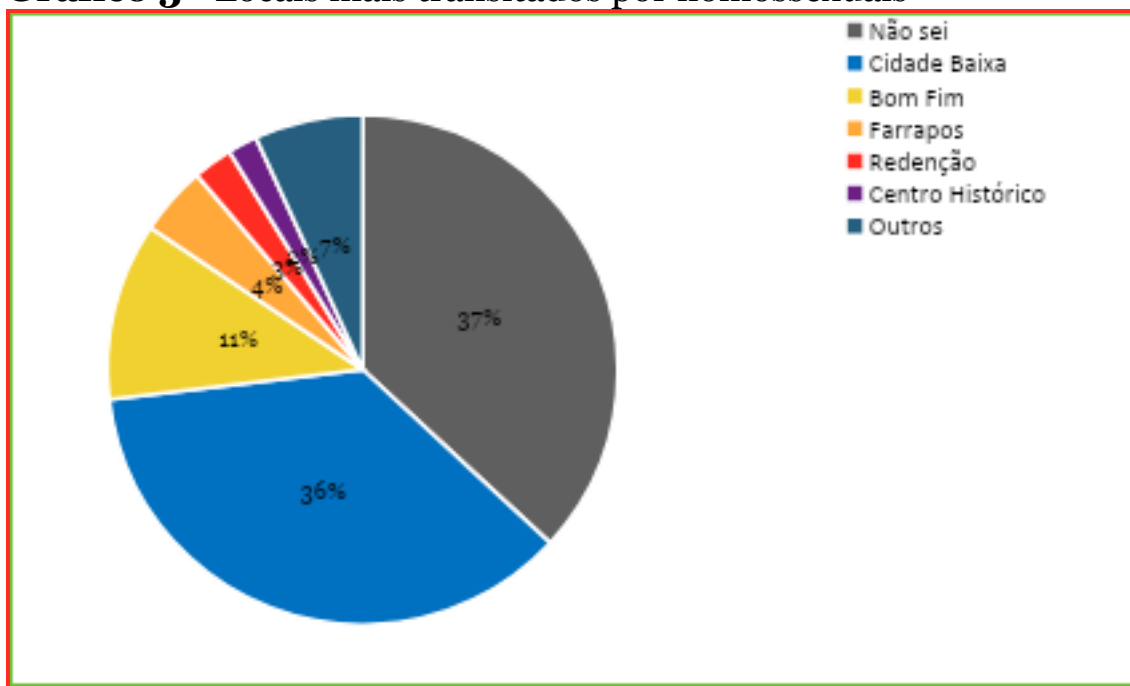
3.2 Cidade Baixa imaginada: lugar de Porto Alegre associado à presença de grupos homossexuais e transgêneros

A cidade não é homogênea, o que a torna espaço de múltiplas representações e apropriações pelos diferentes grupos sociais que a constituem. Os territórios são apropriados e representados de acordo com marcadores sociais que são fundamentais na configuração do repertório do cidadão na cidade e da forma como ele a imagina. Para Guerra (2014), uma análise dos imaginários urbanos deve considerar as

cartografias significantes inseridas nas diversas interrelações de poder em um espaço e tempo específicos. Por essa razão, a autora considera “[...] que o gênero sexual é um fator fundamental para compreender as modelagens imaginárias do espaço urbano” (GUERRA, 2014, p. 14, tradução nossa)¹⁰.

Quanto à pergunta referente ao local mais transitado por homossexuais, a Cidade Baixa foi a mais citada, tendo 58 indicações. Este dado corresponde a 36,2% do total de respondentes, expressando dados muito significativos para identificar emblemas da cidade, mesmo que não configure um emblema do bairro, por não ultrapassar 50%, conforme a metodologia proposta por Silva (2004). Os dados são apresentados no gráfico 3.

Gráfico 3 - Locais mais transitados por homossexuais

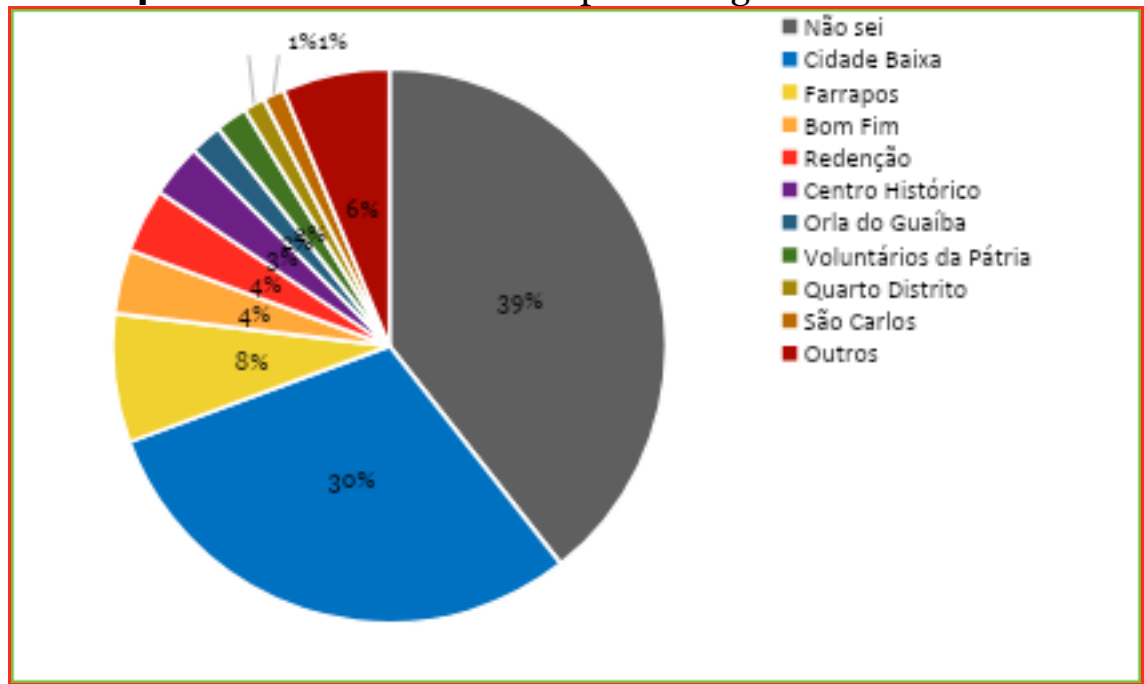


Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à pergunta referente ao local mais transitado por transgêneros, a Cidade Baixa foi a mais citada, tendo 48 indicações, o que corresponde a 30% do total de respondentes. Assim como os dados sobre os locais mais frequentados por homossexuais, também expressa significativa representação do Bairro quanto a este grupo, conforme podemos observar no gráfico 4.

¹⁰ Razón pela cual consideramos que el gênero sexual es un factor fundamental para compreender las modelizaciones imaginarias des espacio urbano.

Gráfico 4 - Locais mais transitados por transgêneros



Fonte: dados da pesquisa.

Na concepção de Guerra (2014), devemos pensar que as relações se tornam mais complexas quando se considera que a cidade não só funciona como regulamentadora dos corpos sexuados, mas também produz relações de classe, de raça/etnia, de geração etc. que se interrelacionam com as questões de gênero e sexualidade. A materialidade do espaço apresenta toda a força do poder heteronormativo, mas não é passível ao exercício do poder regulatório, podendo apresentar fissuras pelas quais emergem as forças de subversão das minorias de gênero e suas interseccionalidades.

Território vanguardista do efêmero, inovador, proibido, ousado, maldito, teria sido ali, sempre, o local das práticas mais escandalosas. Ainda que durante alguns períodos, o Centro apresentasse espaço para o “baixo”, foi na Cidade Baixa que ele encontrou um ‘porto-seguro’ e onde permaneceu, desde o surgimento da cidade até os dias atuais. Dentre estes lugares, citam-se as “Maternidades” (“casas de encontros” clandestinos, frequentadas não só por prostitutas, mas também por senhoras casadas – recorrentes em áreas pobres da Cidade); casas de prostituição masculina, feminina e homossexual; redutos gays, negros, pobres, prostitutas; lugar de contracultura, outsiders e excluídos, o bairro acabou por configurar, atualmente, na maior zona boêmia da cidade, contabilizando mais de 150 estabelecimentos noturnos de boemia – incluindo bares, pubs,

cafés, “choperias”, restaurantes, pizzarias, lancherias, sorveterias e casas de espetáculos, provoca um sentimento e uma ambiência na paisagem que preside esta zona boêmia (REIS, 2018, p. 144).

Para concluir, salientamos ainda que 12 participantes identificaram o Bairro com “**Diversidade/Tribos/Juventude**”. Assim, os componentes simbólicos a partir das representações dos cidadãos sobre a presença de grupos transgêneros e homossexuais na Cidade Baixa representam duas possibilidades de construção que rompem com a hegemonia heteronormativa: a primeira pela identidade de gênero e a segunda pela orientação sexual. Estes dados nos instigam a pensar os imaginários urbanos e as representações de identidade de gênero e de orientação sexual no espaço urbano.

As representações sobre o bairro Cidade Baixa dão conta de um território heterogêneo, que se caracteriza como espaço de convivência de grupos sociais minoritários. Homossexuais e transgêneros não apenas habitam o bairro: eles o vivem, emprestando cor, aroma, forma e voz ao lugar. O caráter boêmio do bairro não é apenas sinônimo de vida noturna, pois, se assim o fosse, a Cidade Baixa seria apenas mais um *point* de Porto Alegre, símbolo de consumo. O que o torna único é justamente o seu caráter representativo desses grupos sociais.

4 Considerações Finais

A cidade possui uma história oficial que é contada pelos órgãos públicos e está presente em livros, exposições de museus históricos e demais instituições e produções que visam documentar sua trajetória. Entretanto, é fundamental que se perceba o lugar como algo mais do que um mero aglomerado de prédios e ruas: ele é espaço de projeções simbólicas, afetividades e sociabilidade fundamentalmente constituídas no seio do tecido social. Não é arquitetura de um bairro ou região o que define sua identidade por si só, pois ela é marcada pela apropriação que os grupos sociais fazem do lugar.

Por vezes, as interações entre as pessoas e o ambiente são tão significativas e únicas que moldam suas representações ao ponto de tornar o lugar um emblema daquele grupo e de suas práticas. Assim é com a Cidade Baixa: o bairro possui dados muito significativos como representante do movimento de homossexuais e transgêneros. Enquanto espaço de convivência e sociabilidade, o bairro delimita vínculos afetivos. Esse uso social não é recente, marcando a história do bairro desde antes

mesmo de sua criação de delimitação como tal. Antes de ser oficialmente chamado Cidade Baixa, a região já acolhia a baixa sociedade porto-alegrense.

As representações sobre a Cidade Baixa pelos cidadãos demarcam o lugar como boêmio, dada a concentração de bares, restaurantes, festas e diversos eventos de entretenimento. Para homossexuais e transgêneros, socialmente instruídos a reprimir seus desejos e formas de expressão, estar na rua por si só é um posicionamento político e ideológico. Em pleno século XXI, ser homossexual ou transgênero e manifestar seu afeto e forma de ser em público não é crime no Brasil, mas a história e os usos sociais do lugar demarcam territórios desses grupos minoritários, onde eles se sentem acolhidos e respeitados da forma como são.

Além disso, o Bairro é identificado com diversidade, tribos e juventude, remetendo à multiplicidade de pessoas que o frequentam, com destaque aos jovens, símbolo de luta e mudança social. Esses componentes simbólicos, juntamente com a presença de grupos transgêneros e homossexuais na Cidade Baixa, auxiliam no rompimento de imaginários instituídos, sobretudo aqueles relacionados com a hegemonia heteronormativa.

É importante frisar, como limitação do estudo, que a Cidade Baixa concentra uma série de conflitos relacionados à sua ocupação, que estão diretamente ligados às formas de uso do espaço. Isso implica a participação — ou exclusão — de diferentes grupos sociais em determinadas áreas do bairro, um aspecto que não é discutido neste estudo. Apesar de não ser um bairro extenso, a diferenciação na ocupação de suas ruas, assim como as distintas possibilidades de lazer e comércio, reflete marcadores sociais da diferença. Assim, sugerimos que estudos futuros possam refletir de forma mais individualizada aspectos específicos do bairro.

Referências:

- GUERRA, Lucía. **Ciudad, género e imaginarios urbanos en la narrativa latinoamericana**. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2014.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LIMONAD, Ester; RANDALH, Rainer. Cidade e Lugar: sua representação e apropriação ideológica. **R.B. Estudos urbanos e regionais**, Recife, n. 5, p. 9-22, 2001.

LOPES LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOREA, Ion Martínez. Prólogo: Henri Lefebvre y los espacios de lo posible. *In*: LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013, p. 8-28.

McDOWELL, Linda. **Género, identidad y lugar**: un estudio de las geografías feministas. Madrid: Ediciones Cátedra Grupo Anaya S.A, 1999.

SILVA, Michele Nascimento da. **Percepção de valor dos usuários sobre o território**: estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2014.

OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE. **A Cidade de Porto Alegre**. 2022. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

REIS, Vanessa. **Da baixa boemia à baixa cidade**: limites do Bairro Cidade Baixa no imaginário urbano de Porto Alegre. 2018. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SEVAIO, Joanna Munhoz. Cidade Baixa em festa: análise histórica de um bairro boêmio. **Em tempo de histórias**, Brasília, DF, n. 40, p. 92-108, jan./jun. 2022.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Colômbia: Convênio Andes Bello, 2001.

SILVA, Armando. **Imaginaris urbanos**: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano: metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de la Colombia, 2004.

SILVA, Armando. Centros imaginados de América Latina. *En*: Lindón Alicia, Aguilar Miguel Ángel y Hiernaux Daniel (coords.). Lugares e imaginarios en la metrópolis. **Cuadernos A. Temas de**

Innovación Social, Barcelona. Ed Anthropos y UAM-Iztapalapa. 2006. p. 43-66.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Urban imaginaries and transgender and homosexual groups: Representations of the Cidade Baixa neighborhood (Porto Alegre, RS, Brazil)

Abstract

This paper is part of the research project “Digital Porto Alegre Imagined”, which comprises an international study on urban imaginaries. The goal of the text is analyze the symbolic components from the citizens’ representations about the Cidade Baixa neighborhood, in Porto Alegre, associated with the presence of transgender and homosexual groups. It uses as a basis the theoretical-methodological framework of urban imaginaries, proposed by Armando Silva. This is a quali-quantitative and descriptive research that presents the official information about the neighborhood and compares it with the results achieved through a questionnaire applied to 160 people from Porto Alegre between April and May 2022. It appears that the place is identified from the occupation of transgender and homosexual groups, becoming an emblem of the neighborhood. This representation is contemporary, but is based on the history of the neighborhood, which was a stronghold of the “Baixa Cidade”, frequented by minority social groups. It concludes that the Cidade Baixa neighborhood is represented as a territory of homosexuals and transgenders, representative of the social practices of these groups that are manifested by the joy and bohemia of the place.

KEYWORDS: Urban Imaginaries and Gender; Homosexuals and Transgenders; Cidade Baixa; Territory.

Valdir Jose Morigi

*Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.
Professor aposentado da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação*

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Interesse em pesquisas sobre memória social e cidade.

Ana Maria Giovanoni Fornos

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Interesse em pesquisas sobre memória social e cidade.

Luis Fernando Massoni

Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia e do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da UFRGS. Interesse em pesquisas sobre memória social e cidade.

Recebido em: 28/08/2023

Aprovado em: 20/09/2025